

Renda mais concentrada no DF

Flávia Filipini
Da equipe do **Correio**

A retomada do crescimento econômico do país vem mantendo estável o nível de emprego no Distrito Federal, mas não tem contribuindo para amenizar o problema da distribuição de renda. Pelo contrário. Os dados mais recentes da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) sinalizam para um agravamento da concentração. Entre março do

ano passado e o mesmo mês deste ano, os trabalhadores que ganham acima de R\$ 2.900 tiveram aumento de 22,2% na renda. No mesmo período, os trabalhadores mais pobres, com salário de até R\$ 176, conseguiram reajuste quase quatro vezes menor: 6%.

Essa diferença também pode ser sentida em um período mais curto. Entre fevereiro e março deste ano, os 10% dos trabalhadores de maior renda receberam aumento de 1% em seus salários, enquanto os 10% mais pobres ficaram sem reajuste. "A concentração de renda no DF é uma das mais graves do país e os dados demonstram que a situação não tende a melhorar", diz a socióloga Graça Ohana, coordenadora da pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico (Dieese), juntamente com a Fundação Seade e a Secretaria de Trabalho do DF.

Na opinião de economistas, a distribuição malfeita do dinheiro que circula no DF é agravada por seu perfil econômico, que inibe a geração de emprego para

a população de baixa renda. "O ideal seria que o crescimento econômico fosse repartido com igualdade. Mas no DF é mais difícil empregar uma pessoa sem qualificação", avalia o economista José Luiz Pagnussat, do Conselho Regional de Economia (Corecon-DF).

O economista ressalta que os setores que abrigam essa mão-de-obra, como Indústria e Agricultura, não são suficientemente desenvolvidos na capital da Re-

pública. Resta, então, o setor de Construção Civil para empregar as pessoas de menor escolaridade. É pouco, principalmente para a quantidade elevada de imigrantes que chegam ao DF. "Por outro lado, serviços especializados como os de informática são bem mais desenvolvidos, tendo condições de empregar e pagar bem", diz Pagnussat, que também ressalta a má distri-

buição de renda no serviço público. "Os profissionais das 33 carreiras que receberam aumento salarial do governo federal nos últimos anos, advogados da União, por exemplo, já ganham bem. Isso aumenta a disparidade social."

Prestadora de serviço do GDF, Maria de Fátima Ferreira de Oliveira, de 35 anos, ganha R\$ 200 por mês desde 1998. "Estou ficando cada mês mais pobre", diz Maria de Fátima, que trabalha na limpeza da rodoviária do Plano Piloto. "Devolvi o telefone que tinha em casa e compro menos a cada mês", conta a servidora, que sustenta quatro filhos com seu salário, morando numa casa própria em Ceilândia.

CONCENTRAÇÃO

Os trabalhadores do Distrito Federal que ganham até R\$ 176 tiveram, entre março de 1999 e março de 2000, reajuste de

6%

Quem ganha acima de R\$ 2.900 teve, no mesmo período, aumento de

22,2%

Paulo de Araújo



MARIA DE FÁTIMA LIMPA A RODOVIÁRIA: "ESTOU FICANDO MAIS POBRE À CADA MÊS"

Atualmente, o DF tem o segundo maior desemprego entre as seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PED — só perde para Salvador: 28,2%. No mês de abril existiam no DF 191,9 mil desempregados ou 21,6% da população economicamente ativa (PEA). Os dados mostram uma estabilidade no nível de ocupação. Em março, por exem-

plo, essa taxa foi de 21,7%.

Mas o problema da falta de emprego vem se agravando entre a população mais pobre. Maria de Fátima não tem vida fácil, mas pode se considerar privilegiada entre seus vizinhos de Ceilândia. Lá e nas cidades de Brasília, Samambaia, São Sebastião, Paranoá, Santa Maria e Recanto das Emas, 30 em cada 100

pessoas estão desempregadas. Entre março e abril, a taxa de desemprego nessa região saltou de 29,6% para 30,3%. No Plano Piloto, Lago Sul e Lago Norte, essa taxa é de 10,4%. "Esse é um problema muito delicado no DF. O desemprego entre os mais pobres está contribuindo inclusive para o aumento da violência", avalia Graça Ohana.